



## **Feminismos, Feministas e os Protagonismos das Mulheres na Política: desvelando novos campos de atuação**

Maria Mary Ferreira<sup>1</sup>

### **Resumo**

Os movimentos feministas nesta última década protagonizaram um conjunto de ações que mobilizaram um considerável número de mulheres e homens nas ruas e praças em todas as capitais brasileiras para protestar contra as relações patriarcais, contra as relações desiguais e de classe e contra os machismos impregnados nas relações sociais que tem contribuído para interditar a participação política das mulheres e sua maior inserção nos mercados de trabalho. Os exemplos mais significativos dessas mobilizações foram as ações contrárias a Reforma da Previdência quando os movimentos feministas se juntaram para protestar contra o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff nas celebrações do 8 de março (2016, 2017). Outro exemplo significativo e marcante nesta década foram os atos pelo ELE NÃO!, em 2018, que tiveram como propósito interditar o avanço da extrema direita e barrar a eleição de Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil. As articulações dos movimentos feministas denotam as resistências deste movimento e sua linha de condução política em mostrar as contradições da sociedade frente aos conservadorismos que se instaurou no Brasil após o golpe de 2016. Nesta comunicação apresentamos ações desenvolvidas pelos movimentos feministas do Maranhão que traduzem a vitalidade deste movimento e sua renovação com articulações que envolvem mulheres do campo da cidade, mulheres negras e indígenas, trazendo pautas que renovaram as ações deste movimento em diferentes contextos.

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão; Doutora em Sociologia pela UNESP/FCLAr. Pós-Doutorado na Universidade do Porto/Portugal com bolsa FAPEMA.

GT 03 - Feminismo, políticas públicas e novas estratégias de resistências: de marchas, movimentos e margaridas

**Palavras-Chave:** participação política; protagonismo das mulheres; movimento feminista; ação política.

## **Feminisms, Feminists and Women's protagonisms in politics: unveiling new fields of action**

### **Abstract**

The feminist movements in this last decade led a set of actions that mobilized a considerable number of women and men in the streets and squares in all Brazilian capitals to protest against patriarchal relations, against unequal and class relations and against machismo impregnated in relations which has contributed to interdict women's political participation and their greater insertion in the labor markets. The most significant examples of these mobilizations were actions against the Pension Reform when feminist movements came together to protest the impeachment of President Dilma Rousseff in the celebrations of March 8 (2016, 2017). Another significant and striking example in this decade were the acts by HE NO!, in 2018, whose purpose was to interdict the advance of the extreme right and bar the election of Jair Bolsonaro, the current president of Brazil. The articulations of the feminist movements denote the resistance of this movement and its political line in showing the contradictions of society in the face of the conservatism that was established in Brazil after the 2016 coup. In this communication we present actions developed by the feminist movements in Maranhão that translate the vitality of this movement and its renewal with articulations involving women from the countryside, black and indigenous women, bringing guidelines that renewed the actions of this movement in different contexts.

**Keywords:** political participation; protagonism of women; feminist movement; political action.

### **Introdução**

A crise que se vive no Brasil tem os seus primórdios no ano de 2013, quando os primeiros movimentos da direita se articularam para retirar Dilma Rousseff do poder. Foi uma crise forjada pelo conservadorismo de forças fundamentalistas e elitistas e se acentuou quando a presidente se indispôs com o Congresso e setores do Judiciário em virtude do aumento salarial exigido e negado pela Presidente, posteriormente esta crise se agudiza quando o Congresso se alia em

torno das denominadas pautas-bomba<sup>2</sup> que tinham como propósito pressionar o governo em torno de projetos que colocavam em risco os ajustes fiscais proposto pela Presidenta Dilma Rousseff para equilibrar as contas públicas. (RIZÉRIO, 2020). Neste contexto de crise a sociedade a partir de diversos setores se mobilizou para apoiar o governo e denunciar a pressão da direita e os retrocessos propostos embutido nas reformas. Dos setores que se mobilizaram naquele momento destacamos os movimentos feministas que tiveram papel relevante na luta e em defesa do Estado de Direito.

A ação dos movimentos feministas no Brasil passaram a ter maior expressividade a partir deste período e de forma mais intensa a partir de 2015 quando a extrema direita passa a articular ações direta contra a democracia que vinha sendo instaurada de forma gradativa no Brasil desde 2003. A clareza deste movimento e o vanguardismo que sempre marcou suas ações em várias esferas, revela que a luta política empreendida por estes movimentos esteve sintonizada com as lutas sociais. Importante lembrar que a Reforma da Previdência, a Reforma Política e a luta contra o impeachment de Dilma Rousseff<sup>3</sup> foram lutas importantes travadas pelos diversos movimentos feministas, neste período, o que marca as resistências as quais este movimento foi protagonista.

É certo que não há homogeneidade dentro deste movimento, mas, embora tivessem divergências na condução de algumas pautas, articularam-se em frentes de luta para barrar e se contrapor a elite que construiu o golpe, lutou contra a Reforma da Previdência e pressiona o Estado para fazer a Reforma Política que considera necessária para

---

<sup>2</sup> As pautas-bomba tratam de projetos em tramitação no Congresso Nacional nos anos de 2014-2015 que, colocavam em risco o ajuste fiscal proposto por Dilma Rousseff para equilibrar as contas públicas. Essas pautas se caracterizavam por gerar gastos adicionais, comprometendo (ainda mais) o ajuste fiscal.

<sup>3</sup> Somos adeptos dos estudiosos que denominam o impeachment de golpe, por considerar a forma arbitrária, midiática e jurídica como foi conduzida para cumprir um ritual de cassação que envolvia interesse políticos, conforme noticiado na imprensa nacional e estrangeira.

garantir maior presença das camadas populares nos processos decisórios.

O protagonismo dos movimentos feministas está expresso em inúmeras ações neste período e se intensificam nas articulações do 8 de março quando se junta ao movimento sindical, ao movimento estudantil e a outros movimentos que resistiram ao golpe de 2016, contra a reforma da previdência, contra a privatização das universidades ameaçada pelos cortes efetivados no Governo de Michel Temer. Importante ainda ressaltar as ações de denúncias dos movimentos feministas contra os estupros coletivos que passaram a ser tolerados no seio dos grupos conservadores que além de vitimizarem as mulheres, culpabilizavam-nas deste tipo de crime. Estes foram temas recorrentes de lutas enfrentadas pelos movimentos feministas neste período (ABREU, 2016; SANTOS, 2017).

Nesta comunicação, buscamos refletir como estes movimentos tem contribuído para pautar ações políticas de enfrentamento aos conservadorismos que tentam impor a sociedade uma narrativa que interfere na vida social e em especial na vida das mulheres e contribuiu em grande parte para acentuar a violência, e os preconceitos contra as mulheres. Neste estudo, construído a partir das vivências como pesquisadora e ativista feministas no qual se somam olhares de outras ativistas feministas para refletir como estes enfrentamentos foram articulados em diversos localidades nos estados brasileiros. Para atender as perspectivas metodológicas deste estudo optamos por uso de entrevistas, rodas de conversa e levantamento de dados a partir das ativistas e interlocutores dos diversos movimentos feministas que atuam em São Luís

### **Feminismos e Ação Política**

As ações empreendidas pelos movimentos feministas a partir dos anos sessenta em grande parte dos continentes tem na obra *O segundo sexo* um dos marcos inaugurais de uma nova forma de perceber

as mulheres a partir de si mesmas. Embora não seja a única obra a lançar olhares transgressores sobre as mulheres, *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir, que no atual contexto está sendo rediscutida, revisitada por várias correntes do feminismo, traduz um sentimento de indisposição e inconformismo que marca politicamente os movimentos feministas a partir de então.

No descortinar dos movimentos feministas no Brasil em meados dos anos sessenta nos meios intelectuais, vivia-se tempos de afirmação do marxismo que se constituía como um movimento forte por desnudar as relações de classe e suas desigualdades históricas, desse modo falar das desigualdades de gênero naquele momento histórico, soava na cabeça dos marxistas como um contrassenso, porém as feministas insistiam em afirmar que o **pessoal é político**.

Esta afirmação apreendida nos escritos de Simone de Beauvoir marcava fortemente a vida social, fortalecia a prática feminista e trazia para o debate político a necessidade de politizar questões que antes eram vistas como menores, inferiores: as questões tabus, questões estas apresentadas por Simone de Beauvoir que implicava em compreender o corpo feminino não mais como um corpo destinado a reprodução, mais um corpo sexuado, que tinha desejo, prazer. A biologia, proposta pela autora alertava a sociedade para a metade invisível da sociedade, uma metade que desejava pensar o mundo a partir de si mesma. Essa metade passou a fazer pressões, passou a romper com o silêncio secular que as manteve até então presa as convenções, negando sua existência. Essa metade passou a denunciar os maus tratos e ousar discutir publicamente a relação conjugal e as coisas do Estado. Ao afirmar que:

a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala, os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado bandicap. Em quase nenhum País seu estatuo legal é idêntico ao do homem, e muitas

vezes este último a prejudica consideravelmente (BEAUVOIR, 2016, p. 17).

O legado de Simone de Beauvoir expresso no *O segundo sexo* floresceu em inúmeros grupos e coletivos, fóruns, transformando o movimento feminista em uma referência de ação política cujo reflexo estão no conjunto de políticas públicas implementadas e na criação de um debate político responsável para repensar o lugar da mulher na sociedade. O papel transgressor que este movimento sempre ocupou foi responsável pelas mudanças de paradigmas que as mulheres vêm conquistando ao longo do Século XX e que tem se consolidado no Século XXI. Ou seja, as feministas nunca se conformaram com o lugar que foi determinado as mulheres: o lugar do privado, do silêncio, o lugar da subalternidade.

Graças às ideias feministas se avançou no processo de reconhecimento das mulheres como sujeito de direito. Para Federici (2019, p. 137) “nas duas últimas décadas o movimento de libertação das mulheres conquistou dimensão internacional, como atestam as mobilizações e as redes feministas constituídas no mundo todo”. Foram as lutas diuturnas das feministas mostrando seu descontentamento com as estruturas e relações patriarcais que possibilitaram avançar nos direitos e romper com a visão conservadora que as mantinham aprisionadas ao mundo da casa. As ideias feministas não estão apenas naquelas que vão para as praças e ruas mostrar seu descontentamento, mas nas inúmeras mulheres que ousaram e ousam romper com os conformismos que as mantêm prisioneiras de relações submissas, as ideias ultrapassaram o campo intelectual para se inserir no mundo público engrossando o descontentamento das mulheres em inúmeros espaços.

Os movimentos feministas em todo o mundo se caracterizaram pela transgressão, a ele se juntaram os inconformistas e as inconformadas com a sociedade patriarcal a ele se juntaram também muitos homens não machistas, que se juntaram as vozes das feministas e de forma explícita manifestaram seu descontentamento contra a

subalternidade e submissão das mulheres. No atual contexto observa-se a amplitude dos movimentos feministas a partir de suas diversas formas de expressão responsáveis por inúmeras ações que se contrapõem ao Estado conservador, classista e racista que se agudizou no Brasil. Os movimentos feministas tem protagonizado ações de enfrentamento que denotam a grandeza e dimensão política deste movimento cujas respostas estão presentes nas inúmeras políticas implementadas que possibilitaram as mulheres viverem em uma Nação com mais igualdade de direitos, embora as contradições da sociedade patriarcal ainda sejam claramente visíveis, conforme observamos nos indicadores de violência e feminicídio que crescem de forma vertiginosa e nos indicadores de sub-representação de mulheres nos espaços de decisão.

### **O Protagonismo dos Movimentos feministas e os enfrentamentos na luta pela democracia e Estado de direito no Brasil**

Nos últimos anos, notadamente de 2015-2020 os movimentos feministas protagonizaram um conjunto de ações políticas que contribuiu para rediscutir o papel das mulheres na sociedade de classe e patriarcal que se vive. As mobilizações empreendidas por estes movimentos conseguiu articular diversos setores da sociedade para protestar nas ruas e praças, contra as relações patriarcais, contra as relações desiguais e de classe e contra os machismos cujos reflexos estão presentes nos indicadores de violência que denotam uma situação de opressão vivenciadas por mulheres de todas as classes sociais e gerações. Esta violência, porém, atinge em maior número as mulheres negras e pobres, evidenciando desta maneira que a violência, tem sexo e cor e classe.

Importante destacar nesse contexto as manifestações protagonizadas pelas mulheres no 8 de março e em outras datas alusivas as lutas das mulheres, a exemplo do Dia Internacional de Luta contra a Violência, celebrado no dia 25 de novembro. Os exemplos mais

significativos dessas mobilizações foram as ações contrárias a Reforma da Previdência quando os movimentos feministas se juntaram contra o impeachment de Dilma Rousseff nas celebrações do 8 de março (2016, 2017) e nos atos pelo ELE NÃO!, em 2018.

O papel transgressor que este movimento ocupou e ocupa reforça sua dimensão política e contribui para mudanças de paradigmas que as mulheres vêm conquistando ao longo do Século XX e XXI. Muitos desafios se fazem notar no Brasil, entre os quais a ampliação da presença das mulheres nos espaços de poder, uma vez que somente 15% de mulheres compõem o quadro de parlamentares no Congresso Nacional, fato que expõe o Brasil que fica entre os países que tem menor representação feminina no mundo, conforme atesta Ferreira (2019, p. 31):

Os dados da representação política das mulheres no Congresso Nacional, demonstra que, diferente do que vem ocorrendo em países como Bolívia, Costa Rica e Argentina, no Brasil as mulheres não ultrapassaram 15% nos cargos eletivos. Tais dados também se reproduz nos legislativos estaduais e municipais, evidenciam as dificuldades das mulheres de superarem a sub-representação na política.

A esses dados se somam os índices de violência e feminicídio no qual o Brasil é apontado como o primeiro da lista. Quais os fatores que implicam na permanência da violência e como estes fatores vem sendo trabalhados pelos movimentos feministas como forma de se contrapor as relações patriarcais?

No Maranhão o marco das lutas feministas estão imbricados com as lutas por direito e cidadania que eclode os anos setenta e oitenta. É neste período que se cria o primeiro grupo feminista: Grupo de Mulheres da Ilha “[...] protagonista da luta política das mulheres por democracia e igualdade social, tornou-se um destacado porta-voz na defesa, às vezes intransigente, dos direitos das mulheres”. (FERREIRA, 2007, p.23). Posteriormente, outros grupos foram emergindo, entre os



quais o Grupo de Mulheres 8 de março (1984), Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa (1986), entre outros. A renovação destes grupos na contemporaneidade denota mudanças substanciais em formas de atuação e linhas de condução. Interessa nesta comunicação apresentar esses novos protagonismos dos feminismos e feministas maranhenses, suas bandeiras, linhas de condução, representações formas de atuação e suas lutas coletivas.

Nas muitas manifestações realizadas ao longo dos últimos quarenta anos pelos movimentos feministas no Maranhão, as palavras de ordem soavam uníssonas: contra a ditadura, contra o patriarcado, contra a violência às mulheres, pelo direito de ter direitos, pela ampliação da participação das mulheres na política, pelo direito ao trabalho, por trabalho igual para salário igual, pelo direito de ter e não ter filhos, pelo direito ao aborto. Foram estas e muitas outras palavras de ordem que mostraram o descontentamento das maranhenses, fato que não difere de outras organizações feministas nacionais.

Nos últimos cinco anos o que tem motivado as manifestações das feministas não é apenas a opressão dos homens, mas as inúmeras formas de cerceamento de direitos que nos amordaçaram durante séculos. Podemos afirmar que foram construídas articulações estratégias que mobilizaram e integraram feministas e sindicalistas em torno de bandeiras comuns que se articulam em torno das antes denominadas “lutas gerais” neste contexto a Reforma da Previdência se constituiu um ponto importante tendo em vista que as mulheres foram as mais prejudicadas nesta reforma em virtude das regras impostas pela reforma que buscou igualar as idades, desconsiderando a tripla jornada de trabalho das mulheres na sociedade. A proposta também atingiu em grande parte os professores (maioria mulheres). Segundo Anelise Magnanelli “a proposta do governo se impõe no mínimo 60 anos de idade e no mínimo 30 anos de contribuição. O que obrigará a ficar em sala de aula até completar esses 60 anos” (FRAGA, 2020). Ou seja é uma reforma que atingiu e prejudicou em maior grau as mulheres trabalhadoras.

### **As lutas feministas no Maranhão no enfrentamento a extrema direita**

Ao falar de luta e resistência é importante observar que este conceito presente na obra de diversos autores entre os quais Michel Foucault que o apresenta articulado ao processo de subjetivação. Para Foucault (1979) resistir é não se sujeitar, é lutar para romper com os conservadorismos que nos impede de ver o mundo sob outros prismas. A resistência subverte-se a não sujeição a um mundo que lhe é imputado, a um lugar que você não aceita, um lugar que lhe diminui, lhe exclui, lhe invisibiliza. A resistência para Foucault está ligada ao debate sobre poder, ou seja “Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele” (FOUCAULT, 1979, p. 241). Os movimentos feministas pela sua natureza transgressora se constituem como movimentos de resistência as diversas formas de opressão da qual as mulheres foram submetidas ao longo da história.

Importante lembrar que as mulheres estiveram em todos os momentos em que se lutou e ainda se luta neste País por direitos e igualdade. Na luta por eleições diretas, as mulheres exerceram papel extremamente relevante, mostraram que, ao lado da falta de liberdade de expressão, das condições sociais agudizadas pelo capitalismo, existia também a opressão dos homens sobre as mulheres, que tolhia seus direitos, invisibilizava sua presença e negava sua participação política. Neste contexto de luta, segundo Ferreira (2019, p. 30) “o movimento feminista cumpriu papel importante de trazer à tona não apenas as contradições da sociedade patriarcal e a importância da organização política das mulheres”.

As formas de resistências empreendidas pelas feministas nesta última década traduzem a radicalidade que marcou os movimentos nos anos setenta. Os retrocessos que culminaram com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016 e com o fechamento do Secretaria

Nacional de Políticas para as Mulheres, foram pontos norteadores da resistência feminista em todo o Brasil.

O contexto brasileiro após o golpe prenunciou momentos de tensões entre as forças conservadoras e as bandeiras feministas. Diversas matérias jornalistas mostram os enfrentamentos entre feministas contra os fascistas no cerceamento do debate político e nos discursos público, em especial nos ambientes universitários. Para Marly Dias (2020):

Nessa conjuntura, de avanços neoconservadores e de cariz neoliberal conduzidos pelo Estado que tudo mercantiliza, tais movimentos seguem como resistências, importante sujeito político, na luta para que sejamos donas de nossos corpos e destinos, o que, por sua vez, exige ações estatais e da sociedade que extirpe essa cultura machista que reina entre nós e se retroalimenta e diversifica na contemporaneidade, para que possamos ir e vir (no trabalho, escolas, igrejas, coletivos, bares...), permanecer em casa sem temor de discriminações, assédios, estupro, violências domésticas, feminicídios.

Importante destacar as ações realizadas pelos movimentos feministas maranhense para enfrentar os conservadores e impedir a onda conservadora que se instaurava no Brasil desde 2013 e que se intensificou no processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. Embora tenham registros de vários municípios que realizaram atos de protestos, porém, as grandes mobilizações se deram em São Luís e Imperatriz com a presença de mais de 7 mil pessoas. As bandeiras feministas contribuíram para ampliar e acender novos protagonismos de mulheres no Estado permanecendo os desafios que “nós reclamamos uma posição do Estado, posto que urge a salvaguarda da democracia, das liberdades, a construção de unidade na luta contra aos desmontes assinalados e ao conservadorismo que se alavanca não só no país, mas, em muitas outras partes do mundo” (DIAS, 2020). Os protagonismos das feministas presentes nos atos de 2015 a 2019 refletem não apenas o

descontentamento com a permanente opressão das mulheres na sociedade, mas, também, contra a perda dos direitos adquiridos no período que corresponde aos anos de 2003-2015 que garantiu dignidade as camadas sociais empobrecidas, ampliou direitos e garantiu as mulheres maior autonomia e participação no mundo público.

Nas lutas feministas não se pode perder de vista os desafios ainda não superados pelas mulheres negras, cuja cidadania tardia e o modo escravista que durante séculos se pautou a sociedade brasileira, explicam em grande parte as dificuldades das populações negras de serem vistos como iguais. Para Nascimento (2019, p. 57) em se tratando das mulheres negras temos ainda desafios e obstáculos “as mulheres negras apresentam os menores índices de escolaridade se comparado com as mulheres não negras e estão no topo da pirâmide do desemprego, fato que as obrigam ao afastamento de atividades de militância que exigem muito do seu tempo.

Vale destacar neste debate as articulações das mulheres negras no Maranhão capitaneadas pelo Grupo de Mulheres Negras Maria Firmina e Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa que protagonizaram o debate político em torno das questões que atingem, mais especificamente as mulheres negras. Neste debate é importante destacar a atuação do Grupo de Mulheres Negras Maria Firmina que tem realizado trabalhos no campo da Economia Solidária, interferindo de forma política na construção de um modelo anticapitalista de desenvolvimento e que abre um importante debate sobre formas de resistência e sobrevivência. Para Luiza Mendes (2020) são as mulheres a maioria das protagonistas deste tipo de trabalho:

são as catadoras de lixo, as artesãs, as quitadeiras, as doceiras, que criam e recriam formas de resistência e sobrevivência nos lugares mais longínquos do Maranhão protagonizando de forma criativa diferentes maneiras de sustentar suas famílias em uma grande rede de solidariedade que se caracteriza pela ação anticapitalista.

As articulações feministas no Maranhão em todo o processo que antecede o golpe foram marcadas por debates, seminários, rodas de diálogos e passeatas. A grandeza deste movimento se fez presente em verbalizar seu descontentamento contra a eminência do golpe, em denunciar as perdas de direitos, em mostrar o machismo explícito nas atitudes dos deputados, a maioria homens, que compunham o quadro de parlamentares naquela casa legislativa. O feminismo na luta contra o golpe se comportou como um farol que antecede o que viria a acontecer com o País nos anos subsequentes. O que se viu em seguida foi a exacerbação do machismo, o aumento da violência de gênero, a disseminação da cultura do estupro que refletiu no acentuado número de feminicídios que coloca o Brasil e o Maranhão como lugares inacessíveis as mulheres.

## **Conclusões**

Os movimentos feministas enquanto parte dos movimentos sociais é considerado um movimento humanista e plural que tem como principal bandeira a luta pela igualdade de gênero. É um movimento que traz na prática os inconformismos contra a opressão das mulheres, porque considera que todas as mulheres têm apresentado contribuições inestimáveis para fazer deste, um mundo melhor: sem violência, e com igualdade.

É certo afirmar que os movimentos feministas e as feministas sempre incomodaram, porque sempre denunciaram as contradições da sociedade. Nunca tiveram medo de expor suas ideias porque sempre foi um movimento pautado no ideal de liberdade e defesa intransigente dos direitos das mulheres. No Maranhão estes feminismos plurais se articulam em torno do Fórum Maranhense de Mulheres e fora dele, no qual destacamos os feminismos negros, rurais, urbanos, nas universidades, nos partidos, e nas periferias, trazendo demandas que se imbricam e se articulam na luta coletiva das mulheres, onde os conflitos

perpassam as demandas, interferem em mudanças de condução dos movimentos e renovam a prática política.

As lutas feministas protagonizadas no Brasil e no Maranhão nesta última década demonstram o fortalecimento dos agrupamentos feministas, a renovação das ideias e a permanência do debate contra a opressão, contra o capitalismo e contra o patriarcado. As articulações do ELE NÃO! Que ultrapassaram as fronteiras do Brasil, marcando um movimento de solidariedade feministas em favor das brasileiras, mostram o quão este movimento tem de respostas aos conservadorismos que se instauraram no mundo na última década. Os desafios são enormes, mas, as expressões que irmanam destes movimentos denotam sua grandeza, senso de justiça e solidariedade, tão necessários nestes tempos sombrios.

## Referências

- ABREU, Tayna. Coletivos feministas maranhenses organizam ato contra a cultura do estupro. *Jornal O Imparcial*. 27 maio 2016. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2016/05/coletivos-feministas-maranhenses>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- DIAS, Marly de Jesus Sá. (Professora e Feminista). *Entrevista sobre a ação antifascistas dos feminismos no Maranhão*. São Luís, 2020.
- FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.
- FERREIRA, Maria Mary. A luta das mulheres por cidadania vem de longe: um pouco de história par entender a sub-representação e os protagonismos das mulheres. In: FERREIRA, Maria Mary (Org.). *Mulheres, protagonismos e sub-representação*. São Luís: NIEPEM, 2019. p. 19-34.

- FERREIRA, Maria Mary. *As Caetanas vão à luta: feminismo e políticas públicas*. São Luís: EDUFMA, 2007.
- FRAGA, César. Mulheres são as principais atingidas pela reforma da Previdência. *Extraclasse*. 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2019/02/mulheres-sao-as-principais-atingidas-por-reforma-da-previdencia/>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- MENDES, Maria Luiza. (Assistente social e feministas) *Entrevista sobre a ação antifascistas dos feminismos no Maranhão*. São Luís, 2020.
- NASCIMENTO, Silvane Magali Vale do. Mulheres negras e ação política: processos que vem de longe. In: FERREIRA, Maria Mary. *Mulheres, protagonismos e sub-representação*. São Luís: NIEPEM, 2019. p. 19-34.
- RIZÉRIO, Lara. Quais são as pautas-bomba que devem assustar Dilma na volta do recesso do Congresso. *Infomoney*. 31 jul. 2015. Disponível: <https://www.infomoney.com.br/politica/quais-sao-as-pautas-bomba-que-devem-assustar-dilma-na-volta-do-recesso-do-congresso/>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- SANTOS, Geórgia Santos. Movimento feminista promove ato contra a cultura do estupro. *JM On line*. 01 set. 2017. Disponível em: <https://jmonline.com.br/novo/?noticias,2,cidade,145226>. Acesso em: 25 ago. 2020.